

Ainda é cedo para relaxar

Vicente Nunes

Enviado Especial

São Paulo — O terremoto que abalou os alicerces do mercado financeiro, nos últimos dias, ainda trará transtornos nas próximas semanas. Mas, segundo o diretor do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, José Alexandre Scheinkman, dificilmente se repetirá o pânico de segunda-feira, quando todas as bolsas do mundo desabaram. "Houve a recuperação das bolsas ontem. Mas ainda é cedo para se falar em estabilidade. Certamente o mercado apresentará oscilações. E eu espero que, desta vez, os investidores não mergulhem de cabeça no clima de histeria coletiva."

O professor reconhece que, com a crise oriunda do Sudeste Asiático, a confiança dos investidores em relação ao Brasil diminuiu e o reflexo disso no curto prazo será a redução do capital estrangeiro no país. O que, na sua opinião, pode até atrapalhar um pouco o processo de privatização, reduzindo o ágio das empresas que serão vendidas.

"Mas não há como dizer que haverá fuga maciça de dinheiro do Brasil. Por mais desconfiados que os investidores estejam nesse momento em relação ao país, sabem que a política econômica conduzida pelo governo é eficiente e trará resultados positivos no médio e longo prazos", ressalta.

Segundo Scheinkman — nascido há 49 anos no Bairro do Flamengo, Zona Sul do Rio, mas radicado nos Estados Unidos há quase 30 anos —, o Brasil está distante de sofrer um ataque especulativo contra sua moeda. "As intervenções que o Banco Central fez ontem, no mercado de câmbio, foram só um sinal da força que a equipe econômica tem para enfrentar os especuladores, que embolsaram prejuízos quando tentaram desestabilizar o real durante a crise do México, no início de 1995", diz.